

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

COLLABORAÇÃO

O Reporter e o Ministro da Fazenda.

Tal é o título de um artigo de fundo da *Gazeta de Lorena* de 30 de Março ultimo. A precipitação, a falta de calma e tranquillidade em examinar deladamente um assumpto de imprensa, tem sempre por consequencia juizos precipitados, de que mais tarde a gente tem de se arrepender.

Não sabemos porque os jornalistas se a-partam tanto desta regra, que devessem servir sempre de norma no sublime sacer-docio da imprensa.

E' sabido que o *Reporter* é um dos Jor-naes da Corte, que muito tem servido a o-pinião publica, pela velocidade com que a-parha, e publica noticias importantes, isso demonstra que esse *Jornal* é dotado de boas pernas para correr a cata de noticias, mas nem por andar muito se chega de pressa ao longo, as vezes fraqueia-se e cahe-se no caminho: foi o que lhe aconteceu com a publicação da celebre carta de D. Luiz de Bourbon, sobrinho do Imperador.

E' sabido que na Typographia Nacional—à sua administração franqueia aos grandes orgaos de publicidãde as noticias officiaes e que sem prioridade e distincção o governo Liberal que não faz mysterio da maneira de sua gerencia no Estado, fornece a todos as referidas noticias, isto porem em tempo e hora determinada. Um dia porem—um desses orgaos—o *Reporter* foi mais adian-tado que os outros: sem esperar que lhe dessem as noticias, penetrou o seu em-pregado na repartiçao em que estavam do-cumentos importantes—entre elles—essa ce-lebre carta. Tirou-a e publicou-a immedi-atamente.

O Exm. Snc. Ministro da Fazenda não gostou disso, e ordenou a administração do *Diario Official* que se prohibisse a entrada alli ao representante d'aquelle *Jornal*, para não se dar, e repetir-se mais um semelhan-te facto; nós faziamos o mesmo, porque no mecanismo das administrações—há uma palavra chamada conveniencia, que é digna de muito respeito, e dós de que essa carta continha um documento official, esperasse o *Reporter* a sua vez de recebê-la tambem, e não fosse havê-la tão apressadamente n'a administração do *Diario Official*.

Por esta motivo o *Reporter* gritou no seu proximo numero contra essa prohibição, e invocando todos os Santos das folhas de Laemert, e por alguns que ainda lá não es-tão, lavrou um protesto solemne que acaba-pou completamente o nobre Ministro da Fa-zenda, e o Sr. ficou tão confundido com essa raios despedidos pelo *Reporter*, que chegou-se a fallar em crise ministerial na Corte por dous dias!!!

E de facto—o facto era grave e tão grave que os seus collegas de imprensa nem se occuparam com elle, mas a sua tirada achou guarida nas folhas das Provincias, que sem indagarem o verdadeiro motivo dessa ordem muito conveniente ultrajou-se por sua vez sobre o nobre Ministro da Fa-zenda.

A *Gazeta de Lorena* foi deste numero:—então o sr. Conselheiro Affonso Celso já não é o tribuno do povo, porque os mactos arminhos realmejos envereados-lhe o pulso, etc.

Verdadeira precipitação da *Gazeta*, por-que d'ahi a dous dias era subida a verda-

deira causa que obrigou o nobre ministro a ordenar isto, tanto que os mais orgaos de publicidãde da Corte não disserão uma só palavra sobre esse desacato medonho e hor-rible ao *Reporter*, porque talvez occulta-mente presenciasssem o facto—como o facto se deu.

Até aqui, porem, ainda é supportavel essa censura: por que em falta de assumpto se tomasse o facto mesmo a vol d'oiseau, po-rem a *Gazeta* amparar... não; collocar isso com mais gravidade do que o acto de des-potismo praticado pelos conservadores no agredimento da typographia da Republi-ca na rua do Ouvidor, quando Ministro da justiça o sr. Conselheiro Duarte de Aze-vodo. Doe-nos muito, por que ha tanta differença entre esse acto e o actual, como frisante a differença entre o branco e o preto, como dista o ceo do inferno.

Alli foi um acto de monstruosa selva-geria, indigna de uma capital illustrada como é o Rio de Janeiro, que não ha pala-vras sufficientes que caracterisem uma reac-ção tão medonha, aqui tractou-se apenas de fazer sciencia a um *Jornal* que a palavra conveniencia tem uma significação muito importante.

A *Gazeta de Lorena* que se inspira sempre em nobres e elevados sentimentos na apre-ciação dos negocios publicos, onde tem prestatado relevantes servicos, commetteu d'esta vez uma grave injustiça.

E para finalizar o nosso artigo, diremos que o Conselheiro Affonso Celso levou para o poder a mesma nobreza de senti-mentos do digno filho do povo, o farião de ministro d'Estado, que mais de uma vez tem vestido, não foi ainda salpicado com qualquer acto indecoroso.

O democrata sincero que na opposição apregou sempre idéas de real prosperida-de para o paiz, no poder não se esque-ce dellas, porque as vai traduzindo em realidade. A altivez e nobreza do homem da opposição são conservadas no homem do poder, porque elle em toda a sua vida politica, tem sempre sabido ligar verda-deira importancia à essa palavra de tão difficil execução—que se denomina—Cohe-rencia—em seus actos, que elle tem obser-vado, como politico e advogado.

Deus permita que os estadistas que vão surgindo, tenham sempre por modelo o Con-selheiro Affonso Celso.

Cincinato.

J. G. de Almeida

NOTICIARIO

Assembléa Provincial.—En-cerrou-se a 2.^a sessão da presente legis-latura da Assembléa Provincial.

Destacamento Policial.—Finalmente já se acha na Villa do Crazeiro o destacamento policial ultima-mente reclamado pela população d'aquella Villa, o que sobre-modo estimamos.

Folhetins.—Chamamos a attenção dos nossos leitores e mais particularmente das nossas leitoras para tres folhetins que hoje estampamos em outra secção da nossa folha, relativamente ao esplendido baile do bello-sexo desta localidade.

Como já o dissemos, a nossa penma, alem de incompetente, quebrou-se inteiri-mente para as questões tendentes ao bello-sexo.

E. F. de D. Pedro II.—A 9 do corrente, tendo o sr. Au-gusto Cardoso de Sá despachado para Campo Bello, na estação da E. F. de D. Pedro 2.^a n'esta fre-guezia, 13 jacaz com toucinho e retardando-se a remessa, o referido sr. Augusto vendo ainda na estação os ditos volumes no dia 10, des-confiou que havia desfalque em alguns jacaz, e então reclamou que elles fossem novamente pesados. Feito o que, reconheceu-se que de facto houvera uma subtracção de 21 kilogrammas do toucinho, pelo que o possuidor ou remetente do genero subtraído officiou ao sr. dr. Director da E. F. solicitando providencias, e indemnisação do prejuizo soffrido.

E' este um facto que nos parece que não é virgem n'aquella reparti-ção, e pois, juntamos a reclamação do sr. Augusto Cardoso as nossas palavras, lembrando ao sr. dr. Director da Estrada que são cons-tantes identicas reclamações de mais de um prejudicado a que é justa e bem entendida a indemni-sação pedida pelo sr. Augusto Cardoso.

Esperamos que o sr. Director dará as providencias que requerem as circumstancias d'este facto que nos parece de certa gravidade.

Cães ferozes.—Já temos tido occasião de chamar a attenção do sr. fiscal da Camara para a matilha de cães que vagueia por esta freguezia, sendo alguns d'entre elles animados de instinctos ferozes. Não nos consta que se haja providenciado a respeito.

Entretanto, ao passo que se toma em nenhuma consideração as co-sas reclamações—soffrem os trase-untes que desprezinhos atravessam as nossas ruas. Si não, attenda-se para o facto seguinte:

Em um dos dias da semana santa, passava em frente ao hotel do sr. Silva, em S. Antonio, um pobre homem que vive esmolando, quan-do foi ahi acometido por um enorme cão que o offendeu em um dos braços, rasgou-lhe o fato e tel-o-hia talvez offendido muito mais si não fora acudido a tempo, não pelo senhor do cão, mas por alguma alma caridosa que se apiedou do infeliz indigente que se chama Joaquim de Souza.

Factos d'esta ordem, em uma das ruas mais frequentadas da nossa povoação depõe muito, contra a policia urbana cujo primeiro vultu, nos pequenos logares, soe ser o fis-cal, de quem mais uma vez chamamos a attenção e pedimos

providencias em nome do offendido e da sociedade.

O Baile do Bello-Sexo.—O famigerado baile annuciado pa-ra o dia 13 do corrente effectua-rou-se como era esperado.

A nossa modesta e obscura pen-na sente-se fraca e até incompetente para deacrevê-lo; por isso commette-mos essa melindrosa tarefa aos deslumbrantes talentos que alli se reuniram.

Collectoria de Rendas do Lorena.—A thesauraria de fazenda pediu sua exoneração do logar de collector de rendas d'aquella cidade o sr. Francisco Vicente de Azevêdo.

Hospedes.—Tem estado entre nós durante estes ultimos dias os nossos amigos srs. A. Bernardino Ribeiro, Olyntho Ribeiro e A. A. Lamounier Godofredo: os dous primeiros nossos conterraneos, o ul-timo—membro de uma distincia familia de Minas e todos tres estu-dantes em São Paulo.

Cumprimentamol-os.

Accordo entre jornalistas.—Do *Correio Paulistano* extrahimos: « *El Pueblo Argentino* de Buenos-Ayres, apresentou as bases de um accordo com o objecto da desterrar da imprensa as questões pessoais entre seus redactores.

Segundo as bases propostas, as questões pessoais ficarão suppri-midas entre os periodicos de Bue-nos-Ayres, considerando-se como um attentado contra o credito, a dignidade e a autoridade da im-prensa.

Um jury composto de jornalistas resolverá sobre qualquer caso que occorrer ou difficuldade que se sus-cita sobre o objecto d'aquella ac-côrdo ».

Oxalá que entre nós se estabe-lecesse identico convenio, o que viria sem duvida collocar a im-prensa no elevado e honrosissimo logar que lhe compete.

Camara Municipal de Lo-rena.—Deplozavel, lamentavel e contris-tador é o aspecto das ruas da nossa povoação: o grande fôjo do largo da estação, que para ser um volcãc só lhe falta vomitar lavas—continua impassivo, impassivel a ostentar es-cancarada ao publico, ao respeitavel publico—a sua medonha cratera! É a anabillissima Edili-dade, a edillidade modelo, nem á

machado abre os cordeiros da philantropia bolsinha!

Agua molle...

A Luz—Tal é o titulo de um bom redigido periódico editado em a cidade de Juiz de Fora, na typographia do Pharol, e redigido pelos srs. Domingos C. Lage, W. Badaró, Izidro Lage e Oliveira Martins, distinctos collegiados do estabelecimento de Instrucção daquelle cidade—O collegio de S. Cruz.

O n. 15 da Luz que temps á vista revela o talento e o gosto litterario dos jovens escriptores, aos quaes a redacção do Echo Municipal agradece cordialmente a permissão que lhe offerecem, enviando-lhes o seu n. 39 e com elle um fraternal amplexo.

Variedades

TEDIO

A's vezes eu sinto as brazas do desespero queimarem-me tão vivas nas entranhas, que como o aventureiro do Evangelho, clamo por uma gotta d'agua, a mim é negado um peilo, onde tranquillamente reclino a minha fronte, e o vaso santo da amizade, onde derrama um pouco de amor, que me vae pela alma.

Então deixo correr a penna sobre o papel.

Tornado de angustias, se lteado de pezares, vindo por toja a parte o pallido phantasma da descrença que me amedronta o espirito e me delinila o corpo, traço phrases desconhecidas, nuas de belleza, secundas em blasphemias, imagem, retrato de minha alma a esmagar creanças e a soffrer torturas.

Escrevo, porque não quero piedade.

Procuo a solidão, para não encontrar um só homem que ria-se de mim, e prefiro á abanaes consolções, e a vista de meus males totos, não desprendão uma só phrase semelhante lagrimas de aviltante piedade.

Estúpida sociedade!... exigente e severa, ella toma-nos conta das nossas mais pequenas acções, mas ai d'aquelle que cala!... ai d'aquelle que soffre! nem um estende-lhe a mão para o levantar, nem um alivio de branda consolação.

Pelo contrario, agução mais os espinhos, e amarga mais o fel.

Mentem pela inveja, calumniação pela vaidade!...

Percorro os campos esteréis, pedrentos e desolados, porque não encontro flores funerarias que se inclinem tristonhas á minha passagem.

Altro miolhas palavras nas salas, delecto-me entre a multidão, folgo entre as mulheres, porque ellas são o meu deserto, e ali todas as almas são-me frias como uma lage de pedra.

Nem da natureza, nem dos homens quero piedade.

Acreditei na amizade, e a amizade são duas canoas de tolda em flores, alegresromeiros que partem da

mesma praia e abicão á portos diversos, porque diverso lhe soprou o vento do interesse.

No céu das minhas illações, foi a primeira estrella que desmaiou.

Sonhei com o futuro e com a gloria!...

E o futuro é hoje, para mim, ilha deserta que avisto ao longe, sem poder bradar jubiloso—terra!...

E a gloria me ha sido fumaça alva e linda, mas tão breve quão fugitiva!...

...fogo fatuo que incendia um instante e por sobre campas desfallece.

E duas estrellas descoração: acmen céu de illusão.

A' voz do amor, como Lazaro, rasguei a mortalha que os infortunios haviam talhado para mim, e revivipara as esperanças.

E amei, como não ha explicação, e ella, mulher mysterio, anjo e demonio, incompreensivel até o desespero, é na sua mescla de sublime, a pallida estrella Vesper d'este céu em que os astros morrem.

Immenso clarão inundou minha alma para mais tarde mergulhar a em trevas sem termo.

Tambem tu, meu amor?!

At que desespero!... inchiam-me as tuas palavras, porém esmagou-me a minha ultima creença o teu fatal desengano.

O amor!...O amor!...é a varor da arceira que nos queima as faces, sem que mesmo nos tenhamos recostado á seu tronco!...

Amor!...braço cruel de cipó espinhoso que se enlaça á canelaira para levar-lhe a morte ao amago.

Fructo mentiroso que só contém cinzas!

A' dor moral, aliou-se a dor do corpo, bem cedo me inclino para o chão dos tumulos, os soffrimentos e as dores do presente, lançáo em mim a semente de uma enfermidade que me rala o peito.

Tudo morren para mim?... como esmagar doloroso de minhas creanças lá se foi tambem a paixão de escrever: tudo para mim acabou-se.

Longo fio de lagrimas, manou-me dos olhos, chorei, e chorei. O mundo soberbo de ironias e falsos preconceitos manda-me flagir sorrisos e alegrias.

E o que vale esse sorriso que vem muitas vezes mentir á flor dos labios?...

Os mares silenciosos gerão furações; o homem desgraçado que finge rir-se tem um abysmo de agonias no peito.

Quanto mais viva me queima a brazza de desespero, escrevo, porque não quero do mundo affagos nem piedade.

Ver.

—Um Martyr— CONTO ORIGINAL POR

Calanio Reperai.

Offerecido a

Eurico d'Albúqua

V

Perdão e amor.

Continuou depois o mesmo ar de indifferentismo para mim e para

todos, o mesmo esmero e cuidado de toilette, o mesmo gesto de passeios, a mesma predilecção pela janella, a mesma paixão e lozura pelos bailes. Mas á par d'isto quasi não passava uma semana, sem que me não fizesse uma scena desagradavel de arrufos e amarguras.

Assim tem sido a minha vida ha mezes: dura dois, tres dias o seu agustamento, depois lá vem humilhar-se ainda uma vez e, perdime o mesmo, sempre, perdão e amor.

« Isto tem-me consumido, isto tem-me martyrisado, isto ha de matar-me. »

« Depois, a facilidade de Albertina em encobrir diante dos pais e de todos os seus sentimentos, em se fugir e compor, quando surprehendida a entregar-me uma carta ou dar-me um dos seus fortissimos apertos de mão, incommoda-me, irrita-me, faz-me mal. Que pressa, que destreza em simular sentimentos oppostos, que presteza em illudir, em representar, o que não sente!... »

« Ontem quando assim me surprehendeste no campo de Sant'Anna, foi por mais uma scena desagradavel, que tive com Albertina. »

« Deixá-me no meu quarto um retrato em miniatura de minha pobre mãe. Quando voltei para casa não o vi. Procurei-o e não encontrei-o a um canto esfarrapado do mordido e calcado aos pés. »

« Advinhei logo que fora o ciúme de Albertina julgando o retrato d'uma outra mulher. Mas aquillo era um ultrage feito á memoria de minha santa mãe; não fui superior a elle. Quando não fosse o retrato d'ella, aquella acção tinha sido mesquinha e vil. »

« Láci mão da pena e louco, exaltado, ardendo em febre, verti sobre o papel tudo o que pôde conter de fel um coração, triturado pelo soffrimento, impregnado d'amargura e repassado mesmo de odio. »

« Odiava-a então... Desci a invectivas, áteij injurias e compuz ameaças. Terminava dizendo, que, para descanço meu, para cumprir a necessidade de ter uma satisfação d'aquelle insulto, lhe exigia, me pedir perdão do que fizera; depois, que me esquecesse, enquanto eu trabalharia por a esquecer tambem; e, se não me-lheia por a não odiar, poderia talvez perdoo-lhe um dia. »

« Ontem mesmo entreguei-lhe esta carta. »

« Poderás tu comprehender o que ella produzia, esta carta tão cheia de fel, tão cheia de recriminações, tão cheia de ameaças, tão cheia até de injuria?... Poderás tu acreditar o amigo?... »

« Albertina ao receber a, a despeito de tudo, entrou pelo meu quarto dentro, caiu-me aos pés, regou-me as mãos de lagrimas, abraçou-me os joelhos, e exclamou: »

—Perdão, Alípio, perdão, que não sabia o que fazia... Morrerai a teus pés mas alcançarei o teu perdão... Perdão-me, Alípio, não me desprezes, por piedade... não me queiras matar... »

« Que devia eu fazer? Erguia-a nos braços e perdoei-lhe. »

Eis o martyrio, que passo; eis o tormento, que me consome; eis a vida, que vivo! Sempre estas alternativas: a creença e a duvida, sempre esta prisão do coração; sempre este embate de sentimentos

oppostos; sempre esta agonia da alma!...

« Oh! que vida, meu Deus!... que vida!... »

« Fiquei muito diante d'aquelle dor; não achei uma palavra de consolação para aquelle desgraçado. »

« Alípio permanencia com os olhos fitos no chão; parece que um tremor convulso lhe contrahia os musculos, uma tosse secca lhe abalava o corpo e nas suas feições pallidas e desbotadas, se lhe pintava o combate interno das paixões. »

Tinha anotecido. Alípio permanecia no mesmo estado de mudez e insensibilidade, e eu ainda não tinha achado uma palavra para o arrancar d'aquelle torpor. Per fim travei-lhe do braço; seguia-me sem resistencia; caminhou e a consciencia mesmo do que fazia; entramos em casa, sentou-se, e antes de se cair sobre o leito e encostar a fronte nas duas mãos. »

« Chorava. »

« Alípio, lhe disse eu, tambem com lagrimas na voz, se homem; não te queiras matar. Vive para teu pai. Confia na minha amizade. Olha, que Deus pode muito, Alípio... Alimentar-me coração um raio de esperança, e não descreias do futuro... »

Neste momento uma voz alegre cantava dentro uma romanza italiana, acompanhada a piano. Alípio ao ouvir, deu um pulo em cima, passou a mão pela testa e exclamou: »

« Olha, amigo; ouves?... E' ella, é ella, que canta, e eu, que choro! Que amor é o teu, que não vê o meu soffrimento, que não vê que me mata... Ai! pobre de mim... »

« Não áchei nada que lhe responder; apertei-lhe convulsivamente a mão e sahi contristado e opprimido. »

Cachoeira—1879.

(Continuar-se ha)

Folhetins ao Comprido

O Baile

Foi uma noite de alegria.

No meio do luxo e doventusiasmo reinou a maior concordia e uma harmonia invejavel.

O dia treze de Abril é mais uma gloria para o povo da Cachoeira e mais um passo gigante e digno de louvor, na historia deste lugar.

Nada houve á desjar.

Foi tal a animação e o contentamento, que nos labios dos convivas via-se, tão somente, o sorriso e aquelle ar sympathico e encantador, symbolo da paz e da satisfação.

Tudo correu maravilhosamente, até á propria noite.

Serão oito horas.

Milhares de estrellas reluzindo no azul do firmamento offerecião o mais delicioso panorama e prometião uma noite de amor e de encantos!

E de facto.

A lua, cambaleando no espaço, banhava, com um raio de vida as aguas taciturnas do soberbo Parahyba e animava com seu pallido clarão a natureza tranquilla, ora alegre e fascinante, ora tristonha e melancolica.

pelo lugubre piar das aves noturnas. Que delicias, que encantos para um povo, em cujo coração reina tão somente o entusiasmo, esse fogo ardente, vida da mocidade e triste recordação da velhice no passado! E' esta a lei da criação.

Comecemos:

N'um vasto e esplendido salão, ornado com as mais bellas flores e illuminado por innumeros candelabros, achavam-se as missas elegantes e sympathicas damas desta povoação. Não eram damas; não eram mulheres, eram garças nadando no immenso lago do prazer, e não possibam cotando a immensidade do espaço, e não anjos, que em forma humana, animavam a vida passageira e ephemera da humanidade, que goza por um momento e depois... deserta nos braços da morte!

Que nos importa o futuro? Por enquanto o presente.

Qual seria a razão do baile, qual o sonho dourado dos moços? Nenhuma.

Entre ellas havia a barreira intransmissivel, o pensamento do século e a filha predilecta dos povos a EGUALDADE.

Vejamos. O branco, a cor por excellencia, o symbolo da candura era a rica e brilhante toalha dessas filhas da di-vidualde, sonhadas por Dante, decantadas pela imaginação da Fran-ça, Victor Hugo, e desejadas pelos pensadores do futuro e pelos sonha-dores dos arcanos e mysterios do infinito os poetas.

S'era uma relíquia do azul, n'ou-tra o encarnado, n'outra finalmente a cor de rosa, o verde e indos ra-mos de flores, como raios do sol, em todas ellas existia o complexo de perfeição, a realização do ideal, ex-istia como dissemos completa E-gualdade.

Tudo esteve bellissimo, tudo as mil maravilhas!

Agora, no pensamento—a recor-dação, no coração—a saudade. Cachoeira—Abril de 79.

G.

Duas palavras a cerca do Grande Baile.

Realison-se hontem, 12 do corrente, no salão proximo ao antigo barra-ção da E. de Ferro, o tão fallado e afamado baile, que, como foi apregoado até por folhas da capital, devia dar o Bello-Sexo Cachoei-rens.

Foi encarregado dos prepara-tivos do salão o prestante sr. Pau-lino, que esmerou-se o quanto pôde, conseguindo apresentar cousa sim-ples mas decente. O salão era bastante extenso. As 7 horas da tarde começou o ingresso das Exm. damas, que foram recebidas por uma distincta comissão da que fazia parte o nobre sr. João R. Correia, moço cujas qualidades e delicadezas nos são já conhecidas.

As 8 horas estava o salão já bastante cheio, mas faltava-nos o principal... a musica, que só ap-pareceu ás 8 1/2 horas em que annun-ciou-se a primeira contradança. Começa então a procura do par. Conservam-se sentados alguns ca-valheiros enquanto dura esta scena de supplicas e fogos... mas, mu-dança incrível!... Apenas acaba-da, levantam-se os sentados, e sentam-se os pedintes, que foram condemnados a ficar em branco durante a 1.ª quadrilha, em que dançavam 18 pares, sendo marcado o já dito sr. Paulino, que floresceu o mais que pôde. Depois da qua-drilha, tocou-se a Zizinha, e resolveu-me a ir procurar um par-tomei, pois, a minha mais galante posição, e dirigindo-me a uma bella moreninha:

«Da-me V. Exa. a honra de dançar comigo esta polka?» «Papa não consente que dance polka com os moços.» respondeu-me a coitadinha com inflexão de voz, que denotava desconchavo... Foi a resposta simples, mas categorica, e foi quanto bastou para retirar-me e esperar a 2.ª quadrilha, a ver se o amolador Pa-pa, seria mais condescendente. Eis que acaba-se a maldita Zi-zinha, e já corro em procura do par... corro toda a sala, e só ouço: Tenho par até a deitima!... Causa incrível!

A que attribuo-se? Ao barba-rismo, ou ás precauções dos pruden-tes papás? Não sei, mas a cabala, que denota tanto atrás, foi formi-davel, e mesmo os innocentes vi-gesimos já tinham par até a deitima segunda!... Desanimado com tamanha prova de barbarismo, resolvi a ficar a 2.ª como ficara a 1.ª quadrilha, mas felizmente acançou-me um amigo um vige-simo, com quem dancei esta, jurando jamais comprar senão inteiros: pois antes ficasse sentado. A reunião continuava animada, havia desde o pobre até o rico, do patricio ao plebeu.

A 4.ª quadrilha, foi soberba, dancei com uma seductora more-ninha engraçada e espirituosa, que pôz-me quasi louco... apenas ac-a-bei, agradecei-lhe a felicidade que me proporcionara, e suppliquei-lhe uma nova quadrilha, ao que, res-pondeu: a Papa não consente que dance 2 vezes com um moço... A resposta, mais forte ainda que a primeira, pôz-me farto das qua-drilhas, das damas, e mais ainda, dos impostores papás.

Nesse bello andamento, durou o esplendido baile, até as 4 horas da manhã, havendo-se dançado 10 quadrilhas, e muitas polkas e walsas. Entre a 8.ª e 9.ª quadrilha, fomos servida uma confortavel chieira de chá, acompanhada de alguns docinhos, que foram quasi todos devorados pelos papás. Quan-to aos vesturios das Exmas. damas, eram todos do mais apurado gosto, se bem que quasi todos fossem semelhantes. Pelo que tendes lido, adoráveis leitoras me chamareis talvez severo, mas tanto o não sou, que vou propor-vos uma rainha... aceitaes?... Assim como n'um bou-quet de rosas todas bellas e vigoras, ha sempre uma mais bella que as outras, assim como n'um grupo d'estrellas, todas luzentes e bellas, ha sempre uma que mais nos of-fusca, tambem no vosso baile, em

que todas eram bellas e jovens, havia uma rosa ou uma estrella, que excedia em belleza e fulgor a todas as... Já estão curiosas? E' natural.

Essa rosa ou essa estrella, trajava um bonito vestido de cassa de li-nho enfeitado de laços azues cele-stes, trazia um mimoso fêtu da mesma cor, que tanto condizia com o bello moreno de sua tez... Pare-ce-me ver-vos já todas offendidas no vosso amor-proprio, segreda-rem mil hypotheses á cerca da vossa adovel Rainha... e facili-tar-vos-hi um pouco mais, dando-vos as trez inicias: C. L. G...

Finalizo, amáveis leitoras, pedi-do-vos mil desculpas se vos contrari-gei involuntariamente, extendendo algum pensamento que não devesse, e pedindo-vos ainda que para outra vez evitem o mais possível a cabala, da qual pode resultar algum fu-nesto desaire, que felizmente foi desta vez suffocado pelo particular amigo sr. Seifas, que com tanta prudência obrou a esse respeito. Especie-me lembrar-vos, bellas leitoras, a nossa agradável 7.ª qua-drilha, cujo marcante, mimoso con-cho com um Vagoso chafin de damas, na segunda parte da contradança... Adeus adoráveis leitoras, dou-vos mil parabens pelo vosso esplendido baile, e ainda mais a Cachoeira, por possuir moças que saibam tão bem apromptar uma tão bella re-cepção...

Cachoeira, 14 Abril—79.

L. T.

Não leiam

Uma historia a rapar

I

E ella gemia... gemia... gemia! Incessantes convulsões acometi-am-lhe os lábios e agonisantes mem-bros...

Sentiu desfallecida, estorcendo-se no leito da suprema dor—arrachava em pugilos os hiftos cabellos!

Pallida e desgredinhada—mal se lembrava do decoro feminino. Descumpria-se, pobrezinha!

II

E as arvores, e os seculares tron-ços tombavam com pavoroso estre-pito, e a terra fedia-se; vapores sul-forosos empestavam o ambiente, rijo aquilão açoitava as copadas do ar-voroso!

E os passáros amedrontados fu-giam em bandos, e em arribação procuravam mais tranqullo azilo.

O jaguar espavorido ericava o se-doso pelo; e o javali estalava hor-rendo os aguçados dentes.

E o caudaloso rio voltava o rumo da natural corrente: as shas ondas bravias interceptadas por insupe-ráveis barreiras agglomeravam-se a-meaçadoras em a sua nascente.

E os elementos naturaes revolta-dos ameaçavam o mundo — com pro-ximo e horroroso cataclysmo!

E a montanha gemia... gemia... Era uma parturiente!

III

E a lenda, que é uma mimosa lenda, conta que um atleta, um no-vo Hercules, um Titan seria o pri-mogenito filho da incomensuravel montanha:

E os prelos gemiam, e os tribu-nos evocando o talento, annuncia-vam ao mundo estatico e contempla-tivo, por meio do verbo eloquente o inaudito, surpreendente e proximo successo...

Uns que veria ao minado um des-comunal gigante; outros uma ma-ravilha da natureza; este—um ente prodigioso; aquelles—um estupendo milagre: um Matusalem ou Anti-Christo.

E a progressiva e accelerada ges-tação focava ao seu termo: o em-bryo consubstanciava-se, crescia de-vulto, reclamava a luz, a luz, a luz...

E a montanha gemia... gemia... gemia...

IV

Suspensões eram os animos, diver-gentes os juizos, accordes em tanto em um só principio—o maravilhoso.

O céu de nebuloso se tornava e-zulado e limpo; rutilantes estre-las povdram o sidereo campo.

O aquilão, o medonho aquilão ce-dera o lugar a morna e mansa briza. As leis phisicas se restabeleciam.

E que a montanha em supremo es-torço havia ostentado aos olhos avi-dos e curiosos do mundo o fructo querido das suas entrañas...

Era... um pequeno rato, um camondongo!

V

Parturient montes, nascetur ridi-culus mus.

Mas o pequeno rato é uma entida-de civilizada e suis-generis.

A essa sobre-natural entidade deve a mulher os progressos do seu sexo: é o pequeno rato quem pre-domina de preferencia no acanhado e estreito cerebro feminino.

Muito apresto, seductores projec-tos e triste e desolidora realidade.

Muita promessa, pomposos com-promissos e lamentavel e desairosa liquidação...

VI

Moralidade.

O que é muito apregoado, E' mal realizado.

Com vistas ao esplendido baile de 13 que se tornou celebre nos annes da Cachoeira pela deploravel falta de regularidade e pela sempre condem-navel cabala que até aqui existia só-mente entre os asquerosos compa-ras dos Bois das eleições da roça, mas que desgraçadamente em Ca-choeira entrou nos salões aristocrá-ticos da família.

A dama da moda ha de por for-ça responder ao supplicante:

—Tenho par para todas as qua-drilhas, polkas e walsas; tenho até para a trigésima settia quadrilha!

De mais tenho o meu par perpetuo da 2.ª que é a dos namorados...

O. P. é o da 2.ª o O. da 1.ª o L. da 3.ª o X. da 4.ª e etc. etc!

Remeche-se na cadeira e prose-gue

—Sinto muito que não me hou-vesse prevenido, por que, si não...

Em quanto a quererem por abaixo as cabalas é pretenderem um impos-sivel: querem esvaziar-nos, nós

perdem o tempo; já tenho os meus pares predilectos, com o J. não danço mesmo por que está do calça de faul; com o J. B. também não danço por que maseja o varejo e tem as mãos callosas; com o M. não danço também por que é muito grosseiro, com o A. finalmente por que é vendeiro, e corta toucinho....

Minhas senhoras: quem ia-vos pedir a rescisão de contractos anteriores, ia sim libertar-vos da escravidão e procurar guiar-vos para o caminho do progresso e da boa educação. Pedindo-vos a supressão de cabalas tinha-se por fim imitar a norma das mais adiantadas e illustres sociedades familiares, e ao mesmo tempo livrar-vos de um compromisso futuro, de uma falta involuntária devida a um natural esquecimento; ia-se-vos dar toda a liberdade de pensamento e de acção que vós tão mal interpretastes!

Dava-se-vos a luz e preferísteis as trevas: dava-se-vos a liberdade e preferísteis a escravidão!

Ficae, pois, com ella.

Mas quando um dia a orbita dos vossos conhecimentos for mais dilatada e extensa, então reconheceréis que a *Liberdade* nos vem de Deus e que a *escravidão*, as *peias*, as *algebras* são condição e instrumentos degradantes nascidos do cerebro oppressor dos despotas guiados por Satan.

VII

Não pensem as leitoras do ECHO que quem traça estas linhas está dominado pelo despeito.

Ao contrario, o autor desta imperfeita analyse, que compartilhou com vósco os melhores momentos da sua vida—não sabe agradecer ao destino a inapreciavel ventura de haver-lhe concedido a Rainha do baile, a legitima Rainha da nossa sociedade Cachoeirense para seu mimoso e caudado par da 1.ª quadrilha.

Ora quem dança com a Rainha de um baile fica tão cheio da sua felicidade que nada mais lhe resta ahi de agradável: tem tocado á suprema ventura.

Que importa, pois, que algum mytho humano, pequena mumia enfatuada, que mal serviria de dama d'aquella que, por unanime acclamação da sociedade, mereceu o sceptro e a corôa—houvesse anticipadamente declarado com imperdoavel leviandade que sentir-se-hia satisfeita tendo dançado a 1.ª e a 2.ª? ...

Que lhe faça muito bom proveito.

Dou-lhe pezames.....

Será útil examinar as orelhas a fim de certificar-se se não perden acaso algum dos preciosos brincoes.

Sabe-se que uma dama, no vertiginoso perdêra essa importante peça da toilette em uma espessa floresta frontal.

E' bom examinar l. é bom!... Livius.

A PEDIDOS

José de Alvarenga Freire.

Em fim curvaste a magestosa fronte Sobre as flores glaciaes da campã fria,

E o espirito rendeste ao Deus supremo, E descanças no reino da alegria!

Em fim deixaste da miséria o mundo E não soffres jamais da vida as dores E na gloria eternal destructas agora, Harmonia sem fim, hymnos e flores!

Foi longo o teu soffrer: assaz luctaste Contra os rigores da contraria sorte; Mas quem por escudo tem a san virtude Zomba de tudo sohranceiro e forte....

E tu veneste ao mundo! Venturoso Hoje cansas na paz da eterna gloria Os triumphos que contra o mal tiveste N'esta vida fatal e transitoria!...

Feliz quem morre, como tu morreste, Nos braços do Senhor, em santa paz; Feliz quem morre sem levar remorsos, Sem vestígios do mal deixar alraz!...

Passaste sobre a terra como um anjo, Como um anjo de Deos jorrando luz; Aqui pranto enxugando, alem fazendo Em flores se tornarem espinhos crus!

Olha como nós choramos tua ausencia Com o pranto de candida amizade, Vê a dor de teus filhos, espua, amigos Abysmados no pego de saudade!

Em fim curvaste a magestosa fronte, Sobre as flores glaciaes da campã fria, E o espirito rendeste ao Deus Supremo, E descanças no reino d'alegria!

Sant' Anna dos Tocos, 1879.

+++

Soirée

Na casa do sr. Carlos Pinto Dias, os srs. Joaquim Pinto Moreira e Francisco de Paula Oliveira Gusmão offereceram ás exmas. familias d'este logar uma soirée, hoje 1.º anniversario do baptizado de um filho do referido snr. Moreira. Não temos expressões para agradecer a tão distinctos cavalheiros e Exmas. familias que abrilhantarão o acto, as maneiras attentivas e delicadas com que nos trataram.

São dignos de louvores todas as pessoas que se acharam presentes; sendo para applaudir-se a boa ordem que reinou em tão bella reunião, que terminou ás duas horas da manhã. Aceitem, pois, os referidos snrs. Pai e Padrinho do innocente que foi o motivo de reunir-se tão bella sociedade, os nossos reconhecimentos.

Cachoeira, 13 de Abril de 1879.

Alguns convidados.



Aqui termino da validade as galas. Na orla do seputero—tudo feneco, So alem caminha casta a virtude.

Luiz Felix da Franca, roga a seus parentes e amigos o obsequio de assistirem a missa, que pelo descanço eterno da alma de seo sempre lembrado e chorado Pai, manda rezar na Capella de Santa Cruz d'esta Freguezia ás 8 horas da manhã do dia 21 do corrente, setimo dia de seo passamento.

Protesta sua eterna gratidão a todas as pessoas que se dignarem assistir a este acto de religião. Abril 19 de 1879.



Municipio da Villa do Cruzeiro.

Santa Cruz do Quilombo Festejar-se-ha nos dias 2 e 3 do proximo mez de Maio do corrente anno aquella Santa Cruz. com missa, ladeinha, leilão e fogos artificiaes. Festejando-se no dia 2 o Martyr S. Sebastião e no dia 3 a Gloriosa Santa Cruz. Festeiros do Martyr S. Sebastião: Juiz o Snr. José Jofre da Silva Prado, Juiza a Sra. D. Maria Jozé Ramos. Festeiros da Gloriosa Santa Cruz: Juiz o Snr. Francisco Vianna de Andrade, Juiza a Sra. D. Porcina Maria de Jezus Queimar-se-ha na noite de 2 para 3 um lindo fogo de artifício. dos Srs. Moyses da Silva Reis e seu genro, que pela primeira vez, vão mostrar as suas habilidades.

Os festeiros pedem a concorrência dos fiéis devotos. para mais brilhantismo da mesma festa.

Quilombo, 18 de Abril

de 79.

Annuuncios

Novidade

Grande e variado sortimento de toda a qualidade de papeis e objectos para escriptorio.

Papel pautado superior marca grande para cartas, o que ha de melhor, envelopes, ditos, papel marca pequena, branco pautado superior; envelopes para o mesmo; papel Cédre, alta novidade, marca pequena e envelopes ditos á phantazia, imitando fustão cor de Havana; mata-borrão, papel cartão, cartões superiores para visitas; superior papel em miniatura e envelopes idem para participação de casamento, cartões para casa de commercio, papel de linho superior para escriptura, dito almásso, e finalmente grande sortimento de papel de cores para balas e muitos outros objectos de bom gosto á venda na typographia do Echo Municipal—Cachoeira. 6—3

GRANDE NOVIDADE

Achou de chegar em casa de Rodolpho Machado um grande e variado sortimento de secos e molhados o qual vende por preços que espera atrahir a attenção e concorrência do publico.

Assim como:

Açúcar-refinado de 1.ª	killo	500
1.ª	2.ª	440
1.ª	ca Pernambuco	500
1.ª	1.ª	440
1.ª	masca-lino	280
Carne secca superior de 1.ª		500
Bacalhau		600
Manteiga franceza sup.		38200
Chá Hyson		78200
Arroz sem casca		230
Café socado		440
Macarrão e Lasanha		18400
Camarão fresco sup.		18240
Cerveja Tent. branca	garrafa	18000
1.ª	preta	18000
1.ª	Bags	18100
1.ª	Nacional	400
Vinho do Porto fino	de 18 a	18300
1.ª	Bordeaux	18400
1.ª	virgem chamisso	540
1.ª	branco e tinto	500
Vinagre tinto de Lisboa		300
Cognac superior	Ditas	2000
Anise doce fino	Ditas	1200
1.ª	grosso	1000
Kerosene	garrafa	300
Aguardente de 20 graus	Garrafa	200
Genebra F. kink	botija	14500
Genebra Hollandeza	frasco	800
Conserva	frasco	12000
Passas novas	killo	1500
Ameixas	lata	1800
Figos	lata	1400
Goiabada de Campos	lata	600
Juiz	casco	2000
Marmellada superior	lata de 480 e	900
Fructas Francezas	lata	1100
Peixe em mollio	lata	1000
Sardinha	lata	400
Molho de tomates	lata	900
Queijo do Reino fresco	um	4200
Vellas de composição	masso	500
Coco da Bahia	uma	250
Penetras finas	uma	320
Tamancos	par	440
Ólio de laranja	par	10
Sal	10 litros	640

Vinho, champagne a vista da factura, Canella, pimenta do Reino, cebollas, vellas de ceba, mate em pó, fumo, toucinho, generos da terra etc. etc.

Lorena, 27 de Março de 1879.

Typ. do Echo Municipal Cachoeira.